

AS FRONTEIRAS DO DISCURSO: UMA LEITURA CRÍTICA DE OS LIMITES DA INTERPRETAÇÃO

THE BOUNDARIES OF DISCOURSE: A CRITICAL READING OF THE LIMITS OF INTERPRETATION

Leonardo de Souza ¹

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Sul de Minas Gerais

Resumo: A presente resenha analisa a obra “Os limites da interpretação: teorias do discurso, verdade e fake news”, do prof. Dr. Thiago Barbosa Soares, que investiga a proliferação da desinformação sob a perspectiva dos estudos da linguagem. A tese central do autor sustenta que as fake news configuram um efeito estrutural decorrente da radicalização acrítica da concepção de língua como ação e interação social. Essa perspectiva, ao ser vulgarizada por apropriações do pós-estruturalismo, resultou no “esgarçamento da interpretação”, fenômeno em que a fronteira entre fato e fabulação passa a ser tratada como mera convenção negociável. O estudo examina as contribuições de Soares a partir do confronto com as matrizes materialista, arqueogenealógica e dialógica da Análise do Discurso, além de aportes da semiótica greimasiana e de Umberto Eco, identificando a desinformação como uma manifestação de deriva hermenêutica. Como resposta ao relativismo, o trabalho destaca a proposição de uma “ética da interpretação” balizada pela responsabilidade interpretativa, pelos limites pragmáticos institucionais e por condições objetivas de validade discursiva. Conclui-se que o enfrentamento da pós-verdade exige ir além da simples checagem de fatos (fact-checking), demandando uma reconstrução profunda da literacia mediática e do compromisso ético dos leitores na cultura digital.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Desinformação; Ética da Interpretação; Pós-verdade; Semiótica.

Abstract: This review analyzes the work *Os limites da interpretação: teorias do discurso, verdade e fake news* [The Limits of Interpretation: Theories of Discourse, Truth, and Fake News] by Prof. Dr. Thiago Barbosa Soares, which investigates the proliferation of disinformation from the perspective of language studies. The author's central thesis posits that fake news constitutes a structural effect resulting from the uncritical radicalization of the conception of language as social action and interaction. When vulgarized through appropriations of post-structuralism, this perspective led to the "fraying of interpretation"—a phenomenon in which the boundary between fact and fabrication comes to be treated as a mere negotiable convention. The study examines

¹ Leonardo de Souza: graduado em Letras, Teologia, Pedagogia e Artes Visuais; Especialista em Ensino de Português, Literatura e Redação; Ensino de Inglês, Literatura Inglesa e Norte-americana. Pós-graduado em Administração Escolar: Orientação, Supervisão e Inspeção Escolar; Coordenação Pedagógica e Neuropsicopedagogo. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Lavras. E-mail: leonardo.letas.claretiano@gmail.com

Soares's contributions by contrasting them with the materialist, archaeo-genealogical, and dialogic frameworks of Discourse Analysis, as well as insights from Greimasian semiotics and Umberto Eco, identifying disinformation as a manifestation of hermeneutic drift. In response to relativism, the work highlights the proposal of an "ethics of interpretation" grounded in interpretive responsibility, institutional pragmatic limits, and objective conditions for discursive validity. It concludes that confronting post-truth requires going beyond simple fact-checking, demanding a profound reconstruction of media literacy and the ethical commitment of readers within digital culture.

Keywords: Discourse Analysis; Disinformation; Ethics of Interpretation; Post-truth; Semiotics.

Submetido em 4 de abril de 2026.

Aprovado em 18 de agosto de 2026.

INTRODUÇÃO

Em um cenário comunicacional marcado pela proliferação de desinformação e pela erosão de consensos fáticos na esfera pública digital, a reflexão sobre o estatuto da verdade e da interpretação ganha relevância epistemológica central. A obra “Os limites da interpretação: teorias do discurso, verdade e fake news”, de autoria de Thiago Barbosa Soares, professor e pesquisador da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e atuante no campo da Análise do Discurso, insere-se no centro desse debate.

Publicado pela Pontes Editores em 2026 e com prefácio de Roberto Leiser Baronas, o livro é fruto de investigações financiadas pelo CNPq². A obra tem como objetivo central enfrentar uma provocação teórica: examinar em que medida as aberturas interpretativas legitimadas pelas próprias teorias da linguagem serviram, ainda que involuntariamente, como solo fértil para a expansão da pós-verdade e o esgarçamento da atividade interpretativa.

A hipótese de Soares (2026) sustenta que as fake news não constituem mero ruído ético ou anomalia empírica do ecossistema midiático, mas representam um efeito estrutural decorrente da radicalização acrítica da concepção de língua como ação e interação social. Ao deslocar a linguagem do polo do espelhamento positivista para a arena das negociações interpessoais, abriu-se um flanco no qual a fronteira entre fato e fabulação passou a ser tratada, equivocadamente, como uma convenção puramente negociável.

² Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

A presente resenha visa examinar a arquitetura conceitual desenvolvida por Soares, avaliando seu diálogo com a semiótica greimasiana, a vertente peirciana, os postulados de Umberto Eco em “Os limites da interpretação” (2012) e as matrizes fundadoras da Análise do Discurso, analisando os pilares de uma ética interpretativa capaz de balizar a atividade analítica frente aos ecossistemas digitais.

1. Concepções de língua e a mecânica do esgarçamento interpretativo

O percurso reflexivo empreendido por Thiago Barbosa Soares inicia-se pela recuperação crítica dos modelos linguístico-filosóficos que fundamentam a atividade hermenêutica. O autor mapeia três grandes concepções estruturantes: a língua como espelho do mundo (representacionista), a língua como código (instrumental/comunicativa) e a língua como lugar de ação e interação social (Soares, 2026, p. 25). Se as duas primeiras perspectivas alimentavam a ilusão de uma transparência do sentido e de um conteúdo invariável inscrito no texto, revelavam-se, contudo, manifestamente incapazes de dar conta de fenômenos pragmáticos complexos, tais como a polissemia, a ironia, a metáfora e a incontornável dependência do contexto situacional.

Entretanto, é ao analisar a consolidação da terceira concepção chancelada pelos trabalhos de Marcuschi (2008), Antunes (2009) e Koch que Soares (2026, p. 32) identifica o ponto de inflexão epistemológico do debate. A virada pragmática e interacional, ao postular que o sentido não se encontra petrificado no texto, mas é ativamente coproduzido na prática social e histórica, libertou o intérprete do dogmatismo da “leitura única”. No entanto, quando essa abertura é levada ao paroxismo sem balizas normativas, sobrevém o que o autor conceitua como “esgarçamento da interpretação”: a degeneração da legítima pluralidade semântica em uma indiferença relativista, onde qualquer leitura passa a ser aceita como igualmente válida.

Soares (2026, p. 41) adverte com rigor que o principal propulsor desse esgarçamento não reside no exercício científico das teorias do discurso, mas na difusão de uma “vulgata pós-estruturalista”. Trata-se do apossamento vulgarizado e descontextualizado de formulações complexas de autores como Jacques Derrida, Jean-François Lyotard e Michel Foucault. A apropriação simplória de chavões como “tudo é discurso” ou “não há fatos, apenas versões” acabou por desobrigar o intérprete de qualquer compromisso com a evidência histórica e factual, fornecendo inadvertidamente

o arrimo teórico para narrativas negacionistas, teorias conspiratórias e operações de desinformação orquestradas.

2. As matrizes da análise do discurso frente à desinformação: Pêcheux, Foucault e Bakhtin

Nos capítulos subsequentes, Soares realiza uma varredura verticalizada pelas três matrizes formadoras da Análise do Discurso, confrontando seus instrumentais metodológicos com o ecossistema das *fake news*. Ao abordar a vertente materialista de Michel Pêcheux, o autor demonstra como os sentidos são inexoravelmente determinados pelas formações discursivas e ideológicas que prescrevem o que pode e deve ser dito a partir de uma posição sujeito (Pêcheux, 2010, p. 48; Soares, 2026, p. 62). Sob esse prisma, os enunciados enganosos interpelam o indivíduo em sujeito ideológico, oferecendo-lhe a ilusão de um acesso “corajoso” e privilegiado à verdade contra os consensos estabelecidos. Soares introduz uma consistente crítica epistemológica ao sinalizar o risco de dogmatismo quando a análise materialista converte o inconsciente e a ideologia em instâncias explicativas absolutas e infalseáveis.

Ao examinar a matriz arqueogenealógica de Michel Foucault, a reflexão direciona-se para as complexas teias que articulam saber, poder e regimes de veriditção (Foucault, 2012, p. 75). Soares (2026, p. 94) analisa como as *fake news* ganham corpo no interior de dispositivos biomidiáticos estruturados sobre a economia da atenção e a governamentalidade algorítmica, modulando as condutas dos usuários sem a exigência de coerção física. O autor pontua, contudo, a limitação normativa da genealogia foucaultiana: ao rechaçar critérios universais de validação, Foucault oferece uma descrição cirúrgica da produção de verdade, mas deixa o analista desprovido de fundamentos para sustentar a superioridade ético-epistemológica da checagem científica sobre a fabulação conspiratória.

Na incursão pela vertente dialógica fundada por Mikhail Bakhtin e o Círculo, Soares recupera as noções de enunciado concreto, heteroglossia e polifonia (Bakhtin, 2011, p. 261). O autor demonstra que os produtores de desinformação instrumentalizam perversamente o dialogismo ao encenarem uma “polifonia de papelão”, na qual vozes descontextualizadas ou forjadas são simuladas para simular um debate plural que, em última instância, apenas reafirma um monologismo autoritário e dogmático (Soares,

2026, p. 118).

3. Encenação Enunciativa, Mediação Algorítmica e as Densidades Semióticas

Aprofundando a investigação das estratégias textuais, Soares mobiliza os aportes de Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau para dissecá-los sob a ótica da enunciação. A partir de Maingueneau (2008, 2015), o autor demonstra que a eficácia da desinformação repousa na construção de uma cenografia persuasiva, como a simulação do “jornalismo investigativo independente” ou do “denunciante perseguido”, que projeta um *ethos* de coragem e transparência capaz de capturar a adesão do leitor antes mesmo do exame do conteúdo (Soares, 2026, p. 142). Em paralelo, respaldando-se em Charaudeau (2015), Soares evidencia que a *fake news* rompe fraudulentamente o contrato de comunicação: disfarça-se sob a racionalidade do *logos* informativo enquanto atua primordialmente na mobilização das paixões do *pathos*, tais como o medo, a indignação e o ressentimento.

Essa mecânica passional e enunciativa é multiplicada pela infraestrutura das plataformas digitais. Soares (2026, p. 175) articula com maestria os níveis epistemológico, discursivo e técnico-político do esgarçamento, mostrando como os algoritmos de recomendação atuam como máquinas de aceleração semiótica. Ao rentabilizar o engajamento emocional imediato e confinar os usuários em bolhas de filtragem, a mediação algorítmica suspende a postura crítica e transforma o ato interpretativo em uma reação automatizada e impulsiva dentro do fluxo informativo.

Vale ressaltar que a obra ganha densidade ao retomar as reflexões da semiótica de Umberto Eco em *Os limites da interpretação* (2012) e os modelos de Greimas e Courtés (2012), situando a desinformação como uma manifestação da “deriva hermenêutica” ou “superinterpretação”. Todavia, cabe apontar como limitação pontual do trabalho uma relativa modéstia na abordagem dos formatos estritamente visuais e multimodais da era digital, tais como os *deepfakes*, a sintaxe dos memes e as mídias sintéticas imersivas. Embora Soares contemple a multimodalidade, a análise permanece centrada prioritariamente nas estruturas verbo-discursivas, deixando aberto um produtivo campo para futuras investigações sobre a manipulação técnica do áudio e da imagem móvel.

4. Por uma ética da interpretação e condições de validade

O momento propositivo mais expressivo do livro manifesta-se na formulação de uma “ética da interpretação”, destinada a refutar tanto a ilusão positivista de um sentido único e transparente quanto a apatia do relativismo pós-moderno (Soares, 2026, p. 210). Para reancorar a interpretação em bases sustentáveis, Soares sistematiza três pilares reguladores indispensáveis:

a) Responsabilidade interpretativa: o dever ético do leitor e do analista do discurso em explicitar rigorosamente as premissas de sua leitura, aceitando o escrutínio público e a possibilidade de refutação e desmentido empírico (Soares, 2026, p. 215).

b) Limites pragmáticos da interpretação: O reconhecimento de que as diferentes esferas da atividade humana, como a ciência, o direito e o jornalismo, construíram historicamente dispositivos institucionais de validação tais como a checagem de fontes, o contraditório e a revisão por pares que impõem resistências reais ao texto e interditam a proliferação do “vale-tudo” (Eco, 2012; Possenti, 1999; Soares, 2026, p. 222).

c) Condições de validade discursiva: O estabelecimento de critérios analíticos objetivos para atestar a legitimidade de um enunciado, contemplando a transparência das intenções contratuais, a verificabilidade das fontes mobilizadas, a abertura à réplica genuína e a ausência de contradições performativas no ato enunciativo (Soares, 2026, p. 230).

5. Avaliação crítica

O principal mérito da obra de Thiago Barbosa Soares reside na coragem intelectual de problematizar as fragilidades e os pontos cegos do próprio campo das teorias do discurso. Em vez de desqualificar o arcabouço teórico da Análise do Discurso e da Semiótica, o autor devolve a esses campos a acuidade crítica necessária para enfrentar os ecossistemas digitais contemporâneos.

A articulação entre a reflexão epistemológica e a infraestrutura técnico-política das redes sociais é um dos pontos mais altos do texto, oferecendo uma contribuição valiosa aos estudos da linguagem ao demonstrar que o combate à pós-verdade exige ações muito

mais profundas do que a simples checagem pontual de fatos (*fact-checking*).

Como limitação pontual, observa-se uma abordagem tímida das manifestações estritamente visuais e multimodais da era digital tais como *deepfakes*, sintaxe dos memes e mídias sintéticas imersivas. Embora o autor contemple a multimodalidade, o foco da análise permanece predominantemente centrado nas estruturas verbo-discursivas, o que deixa uma lacuna produtiva para investigações futuras sobre a manipulação técnica de áudio e imagem em movimento.

Portanto, *Os limites da interpretação* consolida-se como um marco indispensável e de grande relevância acadêmica para a área de Letras e Linguística. Trata-se de uma leitura fundamental para pesquisadores, docentes e estudantes interessados em compreender os regimes de veridictição, os limites da semiose e os desafios da democracia na cultura digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e a análise da obra *Os limites da interpretação: teorias do discurso, verdade e fake news*, de Thiago Barbosa Soares, revelam-se de fundamental importância para o campo das Ciências Humanas, em especial para a Análise do Discurso e a Semiótica. Ao problematizar como o avanço desmedido do relativismo e a apropriação vulgarizada de teorias pós-estruturalistas contribuíram para o fenômeno do “esgarçamento da interpretação”, o autor cumpre o papel de resgatar o rigor epistemológico necessário para a atividade analítica na contemporaneidade.

A grande virtude da obra reside na sua capacidade de demonstrar que a desinformação não se reduz a uma disfunção pontual do ecossistema digital, mas constitui um problema estrutural que exige respostas teóricas e éticas à altura. Ao articular o arcabouço das matrizes discursivas com a dinâmica das redes e a mediação algorítmica, Soares lança luz sobre as estratégias de simulação da verdade e evidencia os riscos de uma interpretação sem balizas normativas.

Embora o texto concentre sua abordagem prioritariamente nas estruturas verbo-discursivas, deixando espaço para investigações futuras sobre a multimodalidade e a sintaxe das mídias sintéticas imersivas, a proposição de uma “ética da interpretação” consolida-se como a contribuição mais expressiva do trabalho. Ao reancorar a prática analítica na responsabilidade do leitor, nos limites pragmáticos institucionais e em

critérios objetivos de validade, a obra não apenas enfrenta os dilemas da pós-verdade, mas aponta caminhos indispensáveis para a reconstrução da literacia mediática e para o fortalecimento da democracia na era digital.

Referências

BIBLIOTECA VIRTUAL DA FAPESP. *Thiago Barbosa Soares*. São Paulo: FAPESP, 2026. Disponível em: <https://bv.fapesp.br>. Acesso em: 11 mai. 2026.

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. Tradução de Pérola de Carvalho. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

SOARES, Thiago Barbosa. *Arquiteturas do Sentido: linguagem, história e simbolismo*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2025. 189 p.

SOARES, Thiago Barbosa. *Os limites da interpretação: teorias do discurso, verdade e fake news*. Prefácio de Roberto Leiser Baronas. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2026.

SOARES, Thiago Barbosa. *Arqueogenealogia do Discurso do Norte*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025.